

O EROTISMO THE EROTICISM

*Jéferson José Moebus Retondar**

RESENHA DE:

Andreas-Salomé, L. (1910/2005). *Reflexões sobre o problema do amor e O erotismo*. São Paulo: Landy, 126 páginas.

O erotismo, ensaio publicado originalmente em 1910, encontrou ressonância em vários estudiosos, dentre os quais o filósofo Martin Buber, que o encomendou para a Revista *Die Gesellschaft*. *O erotismo* foi recém publicado no Brasil, em 2005, pela editora Landy.

Lou Andreas-Salomé nasceu em São Petersburgo, Rússia, em 1861, e faleceu em Gottingen, na Alemanha, em 1937. Foi autora de vários romances, ensaios de psicanálise e peças de teatro. Entre 1892 e 1931, Andreas-Salomé escreveu aproximadamente vinte livros e provocou intensas paixões em quase todos os homens que a conheceram, como, por exemplo, Nietzsche, Rilke, Paul Ree e outros.

O erotismo, sólida combinação entre experiência e conhecimento, é um ensaio dividido em quinze itens, a saber, introdução, base,

* Professor Adjunto de Educação Física da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Coordenador do Laboratório do Imaginário Social Sobre as Atividades Corporais e Lúdicas da UERJ (LISACEL); Aluno do curso teórico de psicanálise do Círculo Brasileiro de Psicanálise do Rio de Janeiro.

tema, o ato sexual, a químera erótica, o erotismo e a arte, idealização, o erotismo e a religião, erotismo e sociedade, maternidade, a mulher, masculino e feminino, critérios e limites, unidos para a vida e conclusão. Já na introdução, Andreas-Salomé sinaliza para o fato de que o erotismo não pode ser compreendido por qualquer tipo de lógica externa a ele, pois trata-se de uma manifestação da vida que gravita entre a dimensão física e espiritual de maneira ambígua e bipartida. Em outras palavras, trata-se de um tema humano, profundamente humano, pois físico e imaginal, material e simbólico, necessário e gratuito ao mesmo tempo.

A base do erotismo é a sexualidade, mas não uma sexualidade que aponta para a cultura física, isto é, para a performance e o espetáculo da forma, muito menos para a fisiologia dos laços formais do casamento, comumente acompanhada de concessões, pudores e limitações, mas, antes, uma sexualidade que remeta a um ideal de delicadeza fundada sobre o solo da liberdade e da capacidade criadora.

O erotismo não é um tema isolado, desconectado das relações fisiológicas, psíquicas e sociais; antes, se enraíza como substrato de toda a existência humana. O erotismo, por remeter ao humano, indica a presença marcante da individualização que se fundamenta no princípio da infidelidade. Mas isto não significa situar o erotismo no escopo da fragilidade, da depreciação, ou mesmo de uma manifestação volúvel e sem enraizamento por conta de seu traço infiel. Ao contrário, justamente pela sua dificuldade em se fundar nos laços da fidelidade é que o erotismo situa-se em constante ascensão para relações mais vastas e vitais. Daí a necessidade de se pensar o erotismo sempre a partir de uma base contextual e de totalidade com a vida, uma vida de possibilidades.

O ato sexual no contexto do erotismo visa à totalidade do eu. A experiência parcial, isto é, fisiológica e de descarga, perturba essa busca e dá a impressão de que há entre os amantes uma terceira existência, o corpo, expressão de uma linguagem desajeitada e motivada pelo desejo, “que está mais próximo um do outro de modo mais total e direto” (Andreas-Salomé, [1910] 2005: 66). A embria-

guez erótica funde duas criaturas, mas não se trata de uma união cúmplice e de partilhamento recíproco, mas de um bem incomensurável no qual a individuação se potencializa pelo bem que o “outro” ajudou a proporcionar naquele momento. Os amantes se encontram, um em relação ao outro, como mistérios, pois, findo o ato erótico, eles se apresentam reciprocamente como “estranhos”, ainda que durante a celebração do encontro se viram e se apropriaram um do outro de maneira visceral, como membros pertencentes a uma mesma unidade.

A erotização é a manifestação da paixão febril: embriaguez dionisíaca onde a evasão do real faz com que os amantes se percam momentaneamente de si mesmos para se potencializarem na esfera inebriante de um outro, isto é, de um novo ser criado da união efêmera de dois seres partidos. Como diz Andreas-Salomé, “toda verdadeira embriaguez começa por uma espécie de abalo criador que agita os sentidos e o espírito” (Andreas-Salomé, [1910] 2005: 73).

A relação entre erotismo e arte é deveras estreita. O artista, no ato da criação, aciona forças primitivas de uma paixão livre de qualquer necessidade externa para sua realização, tal qual ocorre no instinto sexual. O êxtase estético se manifesta no corpo, que é a matéria da criação. A tênue diferença que há entre o artista e o amante é que o primeiro pensa com liberdade total suas fantasias e se entrega à imaginação criadora na composição de sua obra, que se apresenta a ele como uma nova realidade, enquanto que o amante, ainda que fundamentalmente sua ação também na liberdade criadora e na abertura do universo fantástico e imaginativo, se depara com a concretude do corpo do outro, limitando-se, então, a adorná-lo, a decorá-lo com seu universo ficcional. Daí Andreas-Salomé dizer que o amor é aquilo que gravita em torno de nós do que é mais corporal e, ao mesmo tempo, mais espiritual.

A idealização enquanto movimento presente nos atos da criação é a experiência de síntese entre o exterior e o interior, do próximo e do distante, pois tanto o amante como o artista e outros tantos criadores se caracterizam por seus êxtases ingênuos não redutíveis a

qualquer tipo de explicação lógico-racional. É nesse sentido que é possível falar de uma fusão entre erotismo e religião, pois o erotismo exalta a vida e a potencializa, integrando à volúpia fisiológica a dimensão espiritual.

A manifestação amorosa, por mais criadora de ilusões e de fantasias que seja, não deixa de estar ligada a um objeto real, concreto, pois profundamente significativo para quem o produz e para quem se encontra enredado nessa trama. Da mesma forma ocorre com o homem religioso, que projeta sua criação imaginária, sua orientação mítica, sem qualquer necessidade de verificação de sua existência empírica, e que, ao assumir uma grandeza mais do que humana, se concretiza como ato de fé inquebrantável, pois também concreto.

Recebido em 23 de abril de 2007

Aceito para publicação em 08 de maio de 2007